

PREFÁCIO

É para mim surpreendente e maravilhoso que *O Canto de Aquiles* tenha completado o seu décimo aniversário. Muito aconteceu na última década, mas uma das alegrias que sustentou a minha vida foi ver Aquiles e Pátroclo continuarem a encontrar leitores incríveis e a prosseguirem o seu caminho no mundo. Por isso, obrigada por estarem aqui.

Muitas sementes deram origem a este livro. A minha mãe a ler-me mitologia quando eu era uma criança. O professor de Latim que me ensinou Grego. Uma livraria LGBTQIA+ perto da minha casa, em Filadélfia, chamada Giovanni's Room, cheia de histórias luminosas e potentes.

No entanto, se tiver de nomear um começo único para este romance, foi nos primeiros meses do ano 2000. Estava prestes a obter o diploma em Estudos Clássicos e a iniciar o mestrado. Já começara a trabalhar na tese, sobre um tema que há muito me frustrava: o modo como a academia moderna discutia a relação entre Aquiles e Pátroclo, classificando-os como «bons amigos». Tinha lido *O Banquete*, de Platão, onde os dois são descritos não só como amantes, mas como a relação romântica ideal. Sabia que a interpretação romântica da relação entre Aquiles e Pátroclo era uma ideia bastante antiga, e irritava-me que a homofobia a apagasse como uma possibilidade. Cheguei a pensar em escrever sobre isto na minha tese

de licenciatura, mas desisti da ideia, pois esse ensaio tinha um limite de cem páginas. Lembro-me de pensar: vou precisar de MUITO mais páginas do que isso.

Durante este período, recebi um telefonema de um bom amigo. Estava envolvido com um grupo de teatro dedicado a Shakespeare, que levava à cena peças todas as primaveras. Planeava encenar uma peça nesse ano, e queria que eu encenasse juntamente com ele. Eu não tinha experiência em teatro, mas ele disse-me que estava a encenar *Troilo e Créssida*, a versão shakespeariana da *Iliada*. Aquiles e Pátroclo estavam ambos nela.

Abracei a oportunidade, e esse abraço mudou a minha vida. Encenar *Troilo e Créssida* constituiu uma revelação. Sempre adorara falar sobre estas histórias antigas, mas, pela primeira vez, participava no modo como eram contadas. Isso era eletrizante. Percebi que as coisas que eu gostaria de dizer sobre Aquiles e Pátroclo não eram, afinal, uma tese de mestrado. Eram um romance.

Além de ser uma classicista, também sonhava em tornar-me escritora. Os livros e a poesia eram um refúgio de sempre para mim, e escrevia desde criança. Cheguei a redigir um romance contemporâneo enquanto frequentava a universidade, mas o resultado final foi anémico, sem vida. Até que percebi que poderia escrever sobre aquilo que mais me apaixonava: a história de Pátroclo.

Nesse verão, comecei a escrever com a voz de Pátroclo. À medida que digitava, sentia-me vertiginosa e ilícita. Receava que os meus colegas e professores de Clássicas detestassem a ideia. Há uma longa história de *gatekeeping* nos Estudos Clássicos. Tentativas de expandir a lente da academia foram, por vezes, recebidas com uma hostilidade aberta; as mulheres e os académicos de cor foram enfraquecidos e menosprezados. Um dos meus professores começara o seu curso de História Grega com a seguinte ressalva: «Esta é uma aula sobre História Grega, por isso, não quero ouvir uma pergunta sobre mulheres e escravos.» A implicação, obviamente, é

que a história «real» é apenas sobre um certo tipo de homem; todas as outras pessoas não contam. (Uma das minhas grandes mágoas é não poder viajar no tempo e discutir com ele.) Em resumo, tinha razões para acreditar que uma jovem mulher a adotar o material épico tradicionalmente masculino da *Iliada*, centrando-o como uma história de amor *gay*, poderia não entusiasmar as pessoas.

Mas continuei a escrever. Porque, embora tivesse esperança de que pelo menos alguns classicistas gostassem do livro, queria que esta história fosse para todas as pessoas, quer conhecessem os clássicos ou não, talvez até especialmente para quem não os conhecia. Durante muitos anos, os livros tinham sido casas para mim, lugares onde encontrara acolhimento quando não conseguia encontrá-lo noutros sítios. Queria que este livro fosse esse tipo de história: de braços abertos, com espaço para todas as pessoas que quisessem entrar.

Naquela altura, é claro, não conseguia imaginar quem seriam essas pessoas. Porém, nesta última década, os vislumbres que tive delas foram uma dádiva profunda. Honraram-me os testemunhos de leitores que recomendaram este livro aos pais e aos filhos, que usaram excertos dele nos votos de casamento, que transformaram citações em tatuagens, que o venderam em livrarias e o ensinaram nas aulas. (A propósito disto, os meus receios sobre a comunidade de clássicas nunca se concretizaram — os classicistas foram incrivelmente encorajadores, e isso tem sido fascinante.) Alguns leitores contaram-me que o livro os ajudou a assumirem a sua orientação sexual perante os pais; outros, que os inspirou a inscreverem-se nos doutoramentos, ou a começarem os seus próprios romances.

Cada escritor deseja que o seu livro tenha uma vida própria, mas nem nos meus mais mirabolantes sonhos imaginei que Aquiles e Pátroclo teriam uma vida tão fértil, recompensadora e maravilhosa. Quando as primeiras cópias foram vendidas, há tantos anos, fiquei muito grata às pessoas que as compraram. Lembro-me de pensar que

precisava de lhes dar algo em troca. Uma década mais tarde, sinto essa gratidão com a mesma intensidade. Obrigada por serem parte desta aventura.

Madeline Miller, 2021

CAPÍTULO UM

O meu pai era rei e filho de reis. Era um homem de pequena estatura, como quase todos nós, e encorpado como um touro, com os ombros em evidência. Casou com a minha mãe quando ela tinha catorze anos e jurou, perante a sacerdotisa, ser fecundo. Fora uma união vantajosa: ela era filha única, e a fortuna do pai iria para o seu marido.

Só no dia do casamento viria a descobrir que ela era simplória. O pai dela fizera questão de a manter coberta por um véu até à cerimónia, e o meu fizera-lhe a vontade. Se fosse feia, poderia sempre recorrer às escravas e aos servos. Quando finalmente arredaram o véu, consta que a minha mãe sorriu. Foi assim que souberam que ela era bastante obtusa. As noivas não sorriam.

Quando eu nasci, um rapaz, ele arrancou-me dos braços dela e entregou-me a uma aia. Com pena, a parteira ofereceu à minha mãe uma almofada para pôr no colo no meu lugar. A minha mãe abraçou a almofada. Não pareceu reparar que algo tinha mudado.

Rapidamente, transformei-me numa desilusão: pequeno, franzino. Não era rápido. Não era forte. Não sabia cantar. O melhor que podia ser dito a meu respeito era que não adoecia com facilidade. Os resfriados e cólicas que afetavam os meus conterrâneos deixavam-me incólume. O meu pai achava isto suspeito. Seria eu uma criança trocada, inumana? Olhava-me com um ar carrancudo, observando-me.

As minhas mãos tremiam, sentindo os seus olhos postos em mim. E havia a minha mãe, entornando vinho sobre si mesma.

Tinha cinco anos quando coube ao meu pai ser o anfitrião dos jogos. Vieram homens de tão longe quanto a Tessália e a Esparta, e os nossos armazéns encheram-se com o seu ouro. Uma centena de servos trabalhou durante vinte dias batendo a pista de corrida, limpando-a de pedras. O meu pai estava decidido a ter os melhores jogos da sua geração.

O que recordo melhor é o grupo de corredores, corpos castanho-avelã besuntados de azeite, alongando na pista debaixo do Sol. Misturavam-se homens feitos, de ombros largos, jovens imberbes e rapazinhos, as barrigas das pernas fortemente esculpidas de músculos.

O touro fora morto, suando as últimas gotas de sangue para cima da terra e para dentro de taças de bronze escuro. Fora tranquilamente ao encontro da morte, um bom augúrio para os jogos que se avizinhavam.

Os corredores reuniam-se diante do estrado onde eu e o meu pai nos encontrávamos, cercados pelos prémios que daríamos aos vencedores. Havia vasos de mistura de vinho feitos em ouro, trípodes de bronze forjado, lanças de madeira de freixo rematadas com o melhor ferro. Mas o verdadeiro prémio estava nas minhas mãos: uma grinalda de folhas verde-cinza, acabadas de colher, às quais puxara o lustro com o meu polegar. O meu pai entregou-me com relutância. Deixara bem claro: a única coisa que eu tinha de fazer era segurá-la.

Os rapazes mais novos eram os primeiros a correr e aguardavam pelo sinal do sacerdote, arrastando os pés na areia. Estavam na flor da idade, com os ossos fortes e delgados a insinuarem-se sob a pele retesada. O meu olhar discerniu uma cabeça loira entre dezenas de cabeleiras escuras e desgrenhadas. Debrucei-me para observar. O cabelo reluzia como mel posto ao Sol, e nele havia cintilações de ouro — o diadema de um príncipe.

Era mais pequeno do que os outros e conservava ainda as formas arredondadas da infância, que aqueles já tinham perdido. Tinha cabelo comprido, atado com uma fita de couro; refulgia sobre a pele escura e nua das suas costas. O seu rosto, quando se virou, era sério como o de um homem.

No momento em que o sacerdote zurziu o chão, ele deslizou através dos corpos endurecidos dos rapazes mais velhos. Movia-se com facilidade, com os calcanhares róseos relampejando como línguas flagelantes. Sagrou-se vencedor.

Olhei fixamente enquanto o meu pai alçava a grinalda do meu colo e o coroava; as folhas pareciam quase negras batendo-lhe no esplendor do cabelo. O seu pai, Peleu, veio requisitá-lo sorridente e orgulhoso. O reino de Peleu era menor do que o nosso, mas corriam rumores de que a sua mulher era uma deusa, e o povo amava-o. O meu pai observava com inveja. A sua mulher era obtusa, e o filho demasiado lento para correr no grupo dos mais novos. Virou-se para mim.

— É assim que um filho deve ser.

Sentia as mãos vazias sem a grinalda. Observei o Rei Peleu a abraçar o filho. Vi o rapaz atirar a grinalda ao ar e apanhá-la de novo. Ria-se, e no seu rosto o triunfo irradiava.

Além disto, lembro-me de pouco mais do que de imagens dispersas da minha vida naquela época: o meu pai com um semblante severo no seu trono, um engenhoso cavalo de brincar ao qual me afeiçoei, a minha mãe na praia, com os olhos virados em direção ao Egeu. Nesta última memória, eu estou a lançar pedras à água para ela, *ploc, ploc, ploc*, atravessando a pele do mar. Ela parece gostar do aspeto da ondulação, e do modo como esta se dissipa na superfície vítrea. Ou talvez goste do mar. Na frente, uma mancha estelar branca reluz-lhe como marfim, cicatriz do tempo em que o pai lhe batia com o punho de uma espada. Os dedos dos pés espreitam sob a areia onde

ela os enterrou, e eu tenho o cuidado de não os desarranjar enquanto procuro as pedras. Escolho uma e arremesso-a para longe, congratulando-me por ser bom nisto. É a única memória que possuo da minha mãe, e tão áurea que tenho quase a certeza de tê-la inventado. Afinal de contas, era pouco provável que o meu pai tivesse permitido que estivéssemos os dois sozinhos, o simplório do filho e a ainda mais simplória da mulher. E que lugar era aquele? Não reconheço a praia, a paisagem costeira. Aconteceram tantas coisas desde então.